



## **O efeito das contradições culturais na aldeia Porteira de etnia Xerente diante da instalação de antenas parabólicas por operadoras privadas de telecomunicações<sup>1</sup>**

**Élvio Juanito Marques de OLIVEIRA JÚNIOR<sup>2</sup>**

**Cláudio Chaves PAIXÃO<sup>3</sup>**

**Adriana Tigre Lacerda NILO<sup>4</sup>**

**Universidade Federal do Tocantins - Palmas -TO**

### **RESUMO**

Discute-se aqui o efeito causado pela chegada de antenas parabólicas, instaladas na aldeia Porteira, de etnia Xerente. Estes indígenas, cada vez mais, participam de novas formas de interação, em função da presença dos meios de comunicação e do crescente empoderamento dos recursos tecnológicos, pelos quais documentam os seus rituais de canto e dança. Portanto, até então, estas interferências favoreciam o redimensionamento das tradições dentro do processo de reorganização da vida social na aldeia, influenciada ainda por outros fatores externos. Porém, nos últimos dois anos, a imposição de ordem técnica das parabólicas, que só veiculam a programação das TV's abertas de outras regiões do país, estabeleceu uma contradição cultural. Os nativos não tem acesso à programação das emissoras locais e regionais com a qual poderiam se identificar.

**Palavras-chave:** Modelos culturais; Cultura Xerente; Tradição indígena; Modelos de TV.

### **INTRODUÇÃO**

Considerando o processo histórico transcorrido desde a revolução industrial à convergência tecnológica, ocorrida na última virada de século, no que diz respeito à presença dos meios de comunicação na sociedade, constatamos o incremento gradativo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Graduado do curso de Comunicação Social- Jornalismo da UFT. Orientando do projeto de iniciação científica (01/08/2012 a 01/08/2013). **Email:** elviojuniormarques@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduado do curso de Comunicação Social- Jornalismo da UFT. Orientando do projeto de iniciação científica (01/08/2012 a 01/08/2013) **Email:** claudio\_paixao91@hotmail.com

<sup>4</sup> Autora do Projeto de pesquisa “O redimensionamento das tradições Xerente mediante à presença da mídia na aldeia Porteira”; orientadora dos projetos de iniciação científica (Pibic/Pivic de 2009 a 2013); Profª Drª do curso de Comunicação Social- Jornalismo da UFT. **Email:** adrianatln@uft.edu.br



de inúmeros recursos disponíveis para a interação social, que passam a substituir a vivência da oralidade, na interação face a face. .

Tal fenômeno, em franca expansão na sociedade envolvente, começa a ser observado nos territórios indígenas Xerente (TO), seja dentro das aldeias, nos espaços formais de educação escolar do ensino fundamental, seja fora da comunidade nos ambientes universitários ou de trabalho frequentados pelos índios. Os mais jovens buscam cada vez mais formação superior e posterior atuação profissional, enquanto os índios de meia idade já trabalham notadamente no serviço público, em função do perfil do estado do Tocantins.

Tais recursos tecnológicos ocasionam o que Thompson (2008) denomina como sendo a ampliação dos “contextos interativos”, que interfere na reorganização dos padrões de interação social. Esta é a base conceitual da tese do citado autor, para quem “[...] o desenvolvimento dos meios de comunicação cria *novas* formas de ação e de interação e *novos* tipos de relacionamentos sociais” (THOMPSON, 2008, p. 77).

Nesta perspectiva, a mídia colabora para o redimensionamento das tradições que não deixam de existir, mas são vivenciadas de outra forma, em função da disponibilidade dos recursos interativos midiáticos. De fato, nossa pesquisa de campo constatou a experiência de empoderamento tecnológico, por parte dos índios, a exemplo da iniciativa de gravação em CD de um álbum fonográfico, com os cantos dos rituais fúnebres e de batismo masculino e feminino do povo Akwe Xerente.

No entanto, paradoxalmente, nos últimos dois anos, tem ocorrido uma imposição de ordem técnica. Por não disporem na aldeia de sinal das redes convencionais, os nativos dependem das parabólicas, que só veiculam a programação das TV’s abertas de outras regiões do país. Diante disso, estabeleceu uma contradição cultural (Wolton, 2004), ou seja, os Xerente não têm acesso à programação das emissoras locais e regionais com as quais poderiam se identificar.

Para Wolton, é de extrema importância o conhecimento recíproco do universo sócio cultural dos interlocutores que, na sua concepção, somente assim, compartilhariam dos mesmos valores. O referido autor atribui este fenômeno, notadamente, aos efeitos causados na comunicação pelo processo de globalização.

“Hoje, [...] a comunicação, ao ultrapassar as fronteiras e ao atingir todas as comunidades, consagra a ideia segundo a qual é possível desvincular-se dessas incontáveis e indispensáveis



condições que sempre guiaram qualquer comunicação. A primeira delas é a identidade.” (WONTON, 2004, p.85)

Seguindo ainda a linha de pensamento de Wolton (2004, p. 95), “... a problemática da identidade não tem o mesmo sentido no contexto das sociedades fechadas de ontem e no da sociedade aberta de hoje”. Nesta, a identidade passa a ser pensada num universo aberto, “...no qual o valor dominante é o da globalização” (WONTON, 2004, p.94)

Diante desta problemática, o citado autor apresenta um questionamento bastante pertinente à reflexão do nosso objeto de estudo: “Como evitar a dissolução de identidades?” (WONTON, 2004, p.94)

## **1. Povo indígena, cultura Xerente e sociedade envolvente**

Dimensionaremos esta comunidade indígena no contexto histórico nacional, antes de descrever o perfil dos índios da aldeia Porteira. Segundo dados do Ministério das Relações Exteriores<sup>5</sup>:

Hoje, no Brasil, vivem cerca de 460 mil índios, distribuídos entre 225 sociedades indígenas, que perfazem cerca de 0,25% da população brasileira. Cabe esclarecer que este dado populacional considera tão-somente aqueles indígenas que vivem em aldeias, havendo estimativas de que, além destes, há entre 100 e 190 mil vivendo fora das terras indígenas, inclusive em áreas urbanas. Há também 63 referências de índios ainda não-contatados, além de existirem grupos que estão requerendo o reconhecimento de sua condição indígena junto ao órgão federal indigenista.

Ainda de acordo com este site governamental: “A maior parte das sociedades indígenas que conseguiram preservar suas línguas vive, atualmente, no Norte, Centro-Oeste e Sul do Brasil. Nas outras regiões, elas foram sendo expulsas à medida em que a urbanização avançava”. Segundo a tipologia de Galvão (1959) apud Ribeiro (2001, p.26-27), Tocantins-Xingu é apresentada como uma das onze áreas culturais, identificadas pela designação geográfica.<sup>6</sup>

No Tocantins, especificamente, existem sete etnias indígenas: Apinaye, Ava-Canoeiro, Guarani, Javae, Karaja, Kraho e Xerente, que totalizam uma população de 7.193. O censo populacional da FUNASA, realizado em 2010, registrou que atualmente

<sup>5</sup> [www.mre.gov.br/portugues/noiciario](http://www.mre.gov.br/portugues/noiciario). Acesso em: 14 maio 2009.

<sup>6</sup> Subdivididas nas seguintes áreas 1.Norte- Amazônia, 2.Juruá-purús, 3.Guaporé, 4.Tapajós-Madeira, 5.Alto-Xingu, 6. Tocantins-Xingu,7.Pindaré-Gurupi, 8.Paraguai (Chaco),9.Paraná, 10. Tietê-Urugui e 11.Nordeste.



a comunidade Xerente tem uma população de 3.210 índios, distribuídos em 57 aldeias.(WEWERING, 2012,p.17). A aldeia Porteira fica a 18 km da cidade de Tocantínia, localizada na margem direita do rio Tocantins, a 70 km ao norte da capital Palmas. É constituída por cerca de 300 índios, reunidos em cerca de 83 famílias, agrupadas em 48 casas, algumas das quais feitas de barro, enquanto outras já foram construídas em alvenaria, sendo ambas cobertas de palha. Inicialmente o conjunto formava o desenho de um cadeado que, atualmente, não se apresenta mais de modo a ser reconhecido como tal.

A comunidade vive da atividade da pesca e da chamada “roça de toco”, feita artesanalmente. Também produz artesanato de capim dourado, que é vendido, todas as segundas-feiras, na feira de Tocantínia. A aldeia Porteira conta com uma escola estadual, inserida na política de ensino bilíngue, ao 1º ciclo, às comunidades indígenas. Deste modo, os Xerente tem acesso ao português-brasileiro, enquanto preservam também o idioma nativo, cuja oralidade é respeitada e começa a passar por um processo de registro, com a retextualização fonética, da fala para a escrita Akwe.

## 2. Contextos interativos e tradições Xerente

Partimos do pressuposto de que os índios Xerente da aldeia Porteira são representantes nativos de uma cultura particular<sup>7</sup> e vivenciam, gradativamente, a ampliação dos contextos de interação social, mediante o desafio da manutenção da tradição<sup>8</sup>, sobretudo a da transmissão oral dos seus mitos, ritos e demais costumes, diante do acesso aos novos meios de comunicação.

---

<sup>7</sup> Segundo Wolton (2004, p.164): “As *culturas particulares*: antigamente incluídas na cultura popular, tendem a distinguir-se em nome do direito à diferença (mulheres, regiões, minorias). Embora não alcancem volumes consideráveis, ainda assim questionam a cultura *popular* na medida em que essa não tem mais o monopólio da legitimidade popular nem o poder de integração simbólica que eram seus antigamente.” A adoção desta tipologia não desconsidera a tese de Hibridismo cultural de Canclini (1997, 09), para quem : “As culturas já não se agrupam em grupos fixos e estáveis”.

<sup>8</sup> Para Thompson (2008, p.163-165): “... tradição significa um *traditun*, isto é, qualquer coisa que seja transmitida ou trazida do passado e cultivada no presente”. Temos na tipologia do autor: **a hermenêutica**; valores pressupostos, aceitos e difundidos de geração para geração, **a normativa**; padrões de comportamento do passado socialmente estabelecidos; **A Legitimadora**; manifestada pela autoridade legal, carismática ou tradicional de indivíduos e/ou instituições e, por fim, **a Identificadora**; a que integra a auto-identidade e a identidade coletiva.



De acordo com Thompson (2008) existem três tipos predominantes de interação vivenciados na interação social. São eles; a interação face a face, a mediada e a quase-mediada, ora também chamada pelo autor de quase interação mediada.

Assim sendo, constitui-se relevante, tanto do ponto de vista teórico quanto social, investigar os processos de comunicação vivenciados por esta comunidade e suas consequências na reformulação da identidade indígena.

Neste sentido, entendendo a comunicação como parte integrante do contexto sociocultural, foram analisados os processos comunicativos protagonizados pelos índios da aldeia Porteira que, em princípio, configuram-se como grupos em contato permanente<sup>9</sup>, com a sociedade não-índia. Esta é a razão pela qual apresentam um perfil singular, caracterizado pelo cultivo às tradições e, ao mesmo tempo, pelo usufruo das novas tecnologias.

Na linha de pensamento de Thompson, a tradição não é coisa do passado [...] porque o seu caráter mutável está ligado à mídia que a reelabora, mantendo-a viva, ou seja, presentificando o passado, à medida que se reporta a determinadas realidades socioculturais. Segundo o referido autor (2008, p.159), o pensamento social clássico (representado por Marx) difundiu durante anos que “o desenvolvimento das sociedades modernas é acompanhado por um declínio irreversível do papel da tradição”. Para Thompson, esta ideia teria sido revitalizada por teóricos que afirmavam que “o desenvolvimento das sociedades modernas implica num processo de *desenraizamento* das tradições” (idem).

A propósito, no entendimento de Canclini (1997,30): “...as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento”, o que na concepção de Thompson pode ser entendido como o fenômeno pelo o qual estas tradições “perdem uma raiz”, fixada em um determinado lugar, para surgirem e se “ancorarem” em diversos outros lugares, até certo ponto, indeterminados.

Na sua visão, na verdade, as tradições não correm o risco de “perder suas raízes” e, conseqüentemente, virem a desaparecer. A tese de Thompson é a de que elas passam por um processo de transformação, sendo cultivadas de novas formas, em outros contextos interativos (2008, p.160): “... as tradições transmitidas oralmente continuam a desempenhar um papel importante na vida cotidiana dos indivíduos. E mais, as tradições

---

<sup>9</sup> Para Ribeiro (apud RIBEIRO 2001,p.27-28): “Nesta situação encontram-se as tribos que, embora conservem certos elementos da tradição ancestral, como a língua, a cultura material e outros, dependem do fornecimento de bens da civilização, aos quais se habituaram e de que não mais podem prescindir”.



mesmas foram transformadas à medida que seu conteúdo simbólico foi sendo assumido pelos novos meios de comunicação”.(THOMPSON, 2008, p.160)

Conforme ressalta Thompson (2008, p.160), ao defender *a nova ancoragem da tradição*: “a tese do declínio[...] pouca ou nenhuma atenção deu ao papel da mídia. Presume-se geralmente que o caráter dinâmico das sociedades modernas (atividade econômica capitalista) teve um impacto direto e deletério nas formas tradicionais de vida. Mas qual o papel reservado à mídia nas transformações tradicionais de vida?”

A indagação do sociólogo integra o que questionamos na nossa pesquisa e será desenvolvida adiante com base nas idéias de Wolton (2004) sobre as contradições culturais ligadas ao fenômeno do desenraizamento. Apesar da pré-disposição de concordar com a sua ressalva, de que “...se atentarmos, para o impacto transformativo da mídia, chegaremos a uma visão bem diferente do caráter mutável da tradição e de seu papel na vida social” (THOMPSON, 2008, p.166), consideramos mais prudente não defender, *a priori*, que a transformação da tradição, no caso da cultura indígena Xerente, esteja ligada tão somente e de forma fundamental ao desenvolvimento dos meios de comunicação, conforme defende o autor. Acreditamos, como já foi colocado anteriormente, que boa parte das modificações devam-se aos processos de interação social que fizeram com que os índios, ao longo dos tempos, assimilassem valores e padrões de conduta do modelo cultural da sociedade envolvente.

Esta ressalva ao pensamento de Thompson está respaldada nos estudos da antropologia cultural, cuja abordagem conceitual e fenomenológica da cultura não se volta apenas às características comunicativas dos contextos interativos, mas ao conjunto de valores, hábitos e formas de agir e pensar que constituem o *ethos*<sup>10</sup> indígena.

Presumiu-se que tais interferências podem ter efeitos distintos, a depender da perspectiva em relação a qual sejam observadas.

É deste fenômeno, marcado pelo distanciamento espaço-temporal, característico dos contextos da interação mediada e da quase mediada, que Thompson chega à tese da “nova ancoragem da tradição”, isto é, ao fato desta tradição não se limitar mais aos contextos práticos da vida cotidiana e ter expandido-se, renovado-se e sido ancorada em novos contextos interativos, que vão bem além dos limites das situações de origem.

### **3. Nova Ancoragem da tradição ou contradições culturais?**

---

<sup>10</sup> O termo aqui é entendido conforme defende Certeau (1980), como sendo um determinado modo de ser e estar no mundo.



No que tange ao convívio com os meios de comunicação de massa, os índios têm em casa rádio e televisão, além de vários já usarem celular. Dentro da aldeia o acesso à internet ainda é muito incipiente. Começa a ser utilizado pelos jovens e adultos que estudam ou trabalham, respectivamente nas cidades mais próximas, a exemplo de Tocantínia e Miracema.

Desta forma, percebemos que as características dessa comunidade constituem um perfil singular, visto que a aldeia Porteira é uma das que mais preserva suas tradições indígenas e, ao mesmo tempo, entre as demais da etnia Xerente, destaca-se como uma das que mais desfruta do acesso às novas tecnologias.

Deste modo, a chamada nova ancoragem da tradição, na acepção de Thompson e, o conseqüente, redimensionamento dos contextos interativos evidenciam-se, por exemplo, na iniciativa desta etnia em gravar um *CD* com os cantos em Awkê. Neste caso, o uso dos meios de comunicação demarca um diferencial bastante relevante. Por meio da entidade que congrega as ações culturais desta etnia, o Centro de Memória e a Casa de Cultura Xerente, os índios assumem a condição de sujeitos da própria história, demonstrando a consciência sobre a importância de registrar a tradição do seu povo, à medida que contratam profissionais da área para documentação sonora ou audiovisual dos cantos entoados nos festejos.

Assim procedendo, os índios da aldeia Porteira não deixam de vivenciar certos costumes na interação face a face, como por exemplo, nas cerimônias de batismo, que acontecem com a presença de todos (cantando e dançando) ao mesmo tempo e no mesmo espaço físico. Enquanto isto, paralelamente, recorrem aos recursos tecnológicos, cujas plataformas de armazenamento, destas formas simbólicas, garantem tanto uma durabilidade atemporal, quanto uma extensão desta cultura ora registrada.

Neste sentido, a nova ancoragem da tradição apresenta-se multifacetada. Os índios Xerente podem vivenciar as suas tradições em cada um dos mencionados contextos interativos, do face a face ao quase mediado, âmbito este em que preservam a memória da sua cultura, tanto para a própria comunidade indígena e seus descendentes, quanto para o conjunto da sociedade envolvente.

O conjunto das atividades desenvolvidas pelos índios Xerente da aldeia Porteira, nas interações sociais pelas quais resignificam a tradição no presente, retrata bem a reflexão de Coutinho (2005, p.87), ao constatar que “Cada classe, cada povo, cada grupo social constrói suas tradições interpretando e se apropriando do passado, de



acordo com perspectivas e interesses efetivamente definidos pelas relações sociais existentes”.

Considerando essa capacidade de reconstrução e resignificação, por parte de cada segmento social, constatamos que alguns índios apresentam uma visão crítica sobre a presença dos meios de comunicação de massa na aldeia, no sentido de distinguir os aspectos pertinentes dos impertinentes. Ou seja, se por um lado revelam como saudável o hábito de assistirem à televisão para se informar ou se distrair. Por outro, atribuem a esta audiência televisiva segregada, cada família em sua casa, o fato de não mais se reunirem nas áreas coletivas para desenvolverem ações comuns a toda coletividade, seja esta a de artesanato ou a de organização dos festejos.

É importante lembrarmos do que ressalta Coutinho (2005, p.95) ao recorrer à concepção dialética, de Gramsci e de Hegel, sobre a cultura. “Por essa perspectiva, a categoria de tradição não significa apenas conservação, como quer o senso comum: ela carrega consigo a idéia de *ruptura* e, portanto, de negação do patrimônio histórico-cultural.”. E, como proficuamente pontua o referido autor; “Conservação e ruptura determinam uma seleção e, necessariamente, uma reinterpretação dos signos do passado.”

Assim, observando, as tradições Xerente que ainda são vivenciadas, as que foram esquecidas e, sobretudo, aquelas que estão redimensionadas, concordamos com o ponto de vista de Coutinho, quando diz que: “O movimento de reelaboração de formas culturais do passado pode ser compreendido como *Aufhebung*, expressão hegeliana que significa, a um só tempo, conservação, eliminação e renovação”. (COUTINHO, 2005, p.95)

Conforme instiga Canclini (1997, p.11): “A questão é entender como a dinâmica própria do desenvolvimento tecnológico remodela a sociedade, coincide com movimentos sociais ou os contradiz. Há tecnologias de diferentes signos, cada uma com várias possibilidades de desenvolvimento e articulação com as outras. Há setores sociais com capitais culturais e disposições diversas de apropriar se delas, com sentidos diferentes” .

Pensando justamente sobre esta dinâmica do desenvolvimento tecnológico e, principalmente, no caráter impositivo do que identifica como sendo a ideologia técnica da televisão, Wolton (1996, 2004) alerta para o fato desta dimensão, ultimamente, vir a ser mais valorizada que a dimensão política. Para o autor, tal ocorrência compromete o



alcance da função de coesão social do processo de comunicação, isto é, de laço social, no sentido originário da sociologia francesa.

Dedicado há décadas ao estudo da TV aberta, definida na tradução da sua obra, no Brasil, como *geralista* (1996) e *generalista* (2004), a tese central do autor sempre foi a de que “...somente a televisão generalista está apta a oferecer essa igualdade de acesso, fundamento do modelo democrático, e esse leque de programas que refletem a heterogeneidade social e cultural”. (WOLTON, 2004, p.142)

*Generalista* ou *genaralista*, a ênfase na TV aberta, deve-se ao fato, como sugerem as nomenclaturas, desta ter uma programação, em princípio, acessível a toda a população, sem o estabelecimento de segmentação de público, ou seja, aberta ao grande público. Apesar das correntes que vêm nesta mídia apenas uma forma de dominação, Wolton argumenta que “...a televisão é a única atividade compartilhada por todas as classes sociais e por todas as faixas etárias, estabelecendo, assim, um laço entre todos os meios.” (WOLTON, 2004, p.135)

Mas, no contexto da aldeia Porteira, o problema é que devido a uma indisponibilidade de sinal no circuito aberto, as famílias indígenas estão estabelecendo contratos com operadoras de televisão privadas, notadamente a empresa Claro, por meio das quais passam a receber a programação nacional e a de outras regiões do país. Dada estas circunstâncias, em termos de informação e conhecimento adquiridos pela televisão, meio de maior audiência na Porteira, os índios estão “aldeados”, paradoxalmente, no sentido de por fora das notícias relativas à sua realidade local e regional.

Estando incapaz então de exercer a sua função de laço social, neste caso, em específico, a televisão pode representar a “porta de entrada” da Porteira nos conflitos dos mundos culturais, o local, indígena, e o nacional, predominantemente branco, da chamada sociedade envolvente, mediante a qual a temática indígena costuma aparecer de forma estereotipada, ora associada à violência, nos conflitos de terra, ora idílica, nas reportagens sobre festejos, rituais e jogos.

Considerando alguns contra-sensos da mídia, Wolton (2004, p. 94) avalia que “em um universo amplamente midiaticizado, a identidade coletiva está ameaçada por essa comunicação, que tende a dissolver tudo”. Conforme ressalta o citado autor, na análise das implicações deste fenômeno no contexto social contemporâneo, “...a questão da



identidade esconde outra da mesma importância: a do pluralismo dos modelos culturais nas nossas sociedades. Na era da globalização dos mercados, da cultura e dos modos de vida, a reivindicação identitária é também uma demanda de pluralismo, de coabitação cultural, uma rejeição desse enorme rolo compressor econômico e cultural que, década após década, padroniza os modos de vida.” (WOLTON, 2004, p. 96)

Diante de tais colocações, questionamos-nos sobre o sentido da reivindicação identitária no contexto indígena. A viabilização de um centro de memória, com acervos da cultura Xerente, bem como a definição da casa de cultura, como local de incentivo e divulgação da arte indígena apontam para a busca da consolidação de um ethos, enquanto modo de ser e estar no mundo, contribuindo à reafirmação da identidade desta etnia.

Porém, a sintonia com os canais televisivos de outras regiões, que tornam visível outro mundo cultural, não deixa de ser um choque de realidade. Ainda que a proximidade com a sociedade envolvente, na interação face a face, tenha trazido às aldeias, ao longo dos anos, problemas que em princípio não seriam da sua natureza, tais como o vício em drogas, nem originários do seu modo de ser, de toda forma uma gama de outros valores, impróprios, adentram nas suas casas pelas antenas de TV.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebemos que a ampliação dos contextos interativos, dos quais os índios participam, é um fenômeno irreversível. De modo geral, existe uma relação estabelecida entre o tipo de contexto e os assuntos em questão. Quando se trata de temas ligados especificamente às aldeias Xerente ou mesmo à mobilização dos diversos povos das etnias existentes no Estado, predomina o contexto de interação face a face, ou seja, o processo é o da comunicação humana, que acontece mediante a participação dos interlocutores situados no mesmo espaço e reunidos ao mesmo tempo.

Como os contextos não são exclusivos e sim coincidentes, também acontece, dos índios usarem meios técnicos, tais como telefone, fax e mesmo a internet, para se comunicar com as entidades ligadas às questões indígenas, sobretudo as da educação e



as da saúde. Neste caso, em específico, os jovens e as lideranças têm um uso diferenciado destes meios.

Com relação ao contexto da chamada interação quase mediada, no uso mais amplo dos meios de comunicação de massa reside a problemática das contradições culturais, mencionada anteriormente. Uma vez que os temas mais próximos são tratados pessoalmente ou de forma mediada, a mídia -propriamente dita- coloca os índios em contato com outras realidades do cenário nacional e internacional. Configura-se, assim, o diapasão entre os assuntos locais e os (inter)nacionais, em relação aos quais os índios se informam de algum modo.

Então, além das lacunas das informações regionais, acerca do que se passa na capital, no Estado e na região norte, os índios passam a ter informação sobre outras regiões, tais como a sudeste, por conta do sinal das antenas parabólicas. Assim sendo, quando tratamos das contradições culturais referimo-nos ao duplo despropósito desta comunidade ter notícias de “outros mundos” culturais, enquanto desliga-se do seu próprio universo.

Para ilustrar o que dizemos, questionamos como uma notícia sobre três assaltos a uma joalheria, em um shopping, em São Paulo pode ser mais relevante para a identidade dos índios da Porteira do que a que se reporta a II Assembléia dos Povos Indígenas de Goiás e do Tocantins, acontecida em 20013, em Palmas. Considerando que nem todas as lideranças estavam presentes e, que por isso, nem todas as etnias estavam representadas, de que modo, então, a população da aldeia Porteira pode inteirar-se do que diz respeito a cada índio da comunidade e ao Povo Xerente, como um todo?

Dada à dinamicidade deste fenômeno, questionar parece mais apropriado do que sentenciar sobre as consequências de um processo contínuo de assimilação de valores exógenos. Preocupa-nos a constatação de que os assuntos que vem de fora da aldeia, seja dos mais recônditos cantos do Brasil ou mesmo do estrangeiro, ocupam cada vez mais espaço e parecem receber mais atenção do que a realidade circundante a esta aldeia.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2004.

AMADO, Janaína. **O grande mentiroso: Tradição, Veracidade e Imaginação em História Oral**. In Revista de História Oral. São Paulo: Unesp, 1995.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade** Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350:Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CERTEAU, Michael. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Os sentidos da Tradição in Comunicação e Cultura**. (Orgs. Alexandre Barbalho, Raquel Paiva. São Paulo: Paulus, 2005.

GOMES, Angela de Castro. *A guardiã da memória*. Disponível em: [http://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/538.pdf](http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/538.pdf) . Acesso em 05 out 2009.

GÜNTHER, Hartmut. *Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta É a questão?* In: *Psicologia: teoria e pesquisa*. mai – ago 2006. vol. 22 n.2, pp. 201-210. Brasília, DF.

MONTSERRAT, Ruth Maria F. *Línguas indígenas no Brasil contemporâneo*. In: GRUPIONI, Luís D. B. (org). *Índios no Brasil*. São Paulo: Global; Brasília: MEC, 1998.

RIBEIRO, Berta Gleizer. *O Índio na História do Brasil*. São Paulo, Global editora, 2001.

THOMPSON, John B. **A mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia**. Tradução: Wagner de O. Brandão. Leonardo Avritzer rev.10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

WEWERING, Sílvia Thêkla. **Povo Akwe Xerente -Vida, cultura e identidade**. Belo Horizonte, MG: Editora Roma, 2012.

WOLTON, Dominique. **Elogio do Grande Público**. Uma Teoria Crítica da TV. São Paulo: Ática, 1996.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora UNB, 2004.